

FRIEDRICH EBERT STIFTUNG

WORKSHOP PROVINCIAL SOBRE AS PRIORIDADES DA RECONCILIAÇÃO NACIONAL 18 e 19 Setembro de 2003

DESMILITARIZAÇÃO DA SOCIEDADE E A SUPERAÇÃO DA CULTURA DA VIOLÊNCIA

Margarida Ventura, Ph.D.
Universidade Agostinho Neto

Angola sofreu uma das guerras mais longas e violentas da história da humanidade. Primeiro a Guerra Colonial que durou cerca de 14 anos, depois a guerra civil que durou 27 anos e que esperamos ter terminado com os acordos de 4 de Abril de 2002. Segundo Vaz Serra (2002), a guerra é um dos acontecimentos mais traumatizantes, na medida em que costuma provocar a morte de um grande número de pessoas e é uma ameaça grave à vida e sobrevivência de muitas outras. As vítimas de um conflito armado perdem familiares, amigos, haveres pessoais, muitas vezes têm de deixar a região onde vivem para irem para outra mais segura. Muitas pessoas morreram vítimas directas ou indirectas da guerra. Dados recentes apontam para 2,7 milhões de angolanos que morreram de fome e 1,5 milhões de angolanos mortos nos conflitos armados (France Presse, 10 Setembro de 2003).

Restaurar a paz em países afectados pela guerra exige bastante mais do que a cessação das hostilidades. Embora os acordos de paz formais possam constituir um primeiro passo essencial no processo de reconciliação, é necessário, simultaneamente, que sejam desenvolvidos esforços no sentido de desmobilizar, desarmar e desmilitarizar sociedades que durante anos estiveram envolvidas em conflitos armados prolongados. No caso de Angola,

para além dos militares, grande parte da população civil está armada. Sem o desarmamento total das populações corre-se o risco do conflito ser retomado ou da guerra civil ser sucedida pela violência social e pelo banditismo, impedindo a reintegração de refugiados e provocando novas deslocações da população.

Nos países como Angola, em que a maioria do Orçamento Geral do Estado era encaminhado para o conflito armado, os soldados são geralmente jovens com baixo nível de educação e falta de capacidades necessárias na vida civil. Por exemplo, um estudo feito na Namíbia concluiu que os membros da guerrilha se tinham tornado de tal modo dependentes do estilo de vida militar, que lhes faltava a capacidade para tomar decisões pessoais, exigidas no dia a dia da vida civil.

A desmobilização e reintegração dos soldados angolanos, das FAA ou da UNITA na vida civil deve ser acompanhada de programas de formação profissional, inserção no mercado de trabalho, atribuição de terras para agricultura, bem como de um subsídio em dinheiro ou outra forma de assistência durante um período de transição da vida militar para a vida civil. São exemplo disso outros países que sofreram conflitos armados, tais como o Uganda, o Zimbabwe, a Nicarágua, entre outros.

- Zimbabwe – os guerrilheiros que aguardavam a sua desmobilização recebiam ensino básico e trabalho agrícola.
- Uganda – os filhos dos ex-combatentes tinham as propinas escolares pagas pelo governo durante um ano.
- Nicarágua – os desmobilizados recebiam um cabaz que incluía ferramentas e utilidades domésticas.

- Chade – o governo gastou 19 milhões de dólares com os desmobilizados, cabendo mais de 1000 dólares a cada soldado.
- Angola - o governo prevê que seja preciso despende cerca de 125 milhões de dólares em programas de reintegração (UN – Integrated Regional Information Networks, Setembro 2003)

Matar a fome e arranjar formas de sobrevivência para os desmobilizados é importante, mas o apoio e/ou tratamento psicológico também é uma prioridade. Muitos desmobilizados sofrem consequências da guerra do ponto de vista físico ou psicológico. Muitos adquirem desordens mentais graves, que podem ir desde o PTSD (Post-Traumatic Stress Disorder) até ao desajustamento social e à violência. Também há que fazer programas de apoio psicológico a esses desmobilizados.

É difícil restaurar a paz em sociedades onde existe uma abundância de armas. Em países onde a guerra durou muitos anos, como é o caso de Angola, as oportunidades geradoras de rendimentos são escassas e a miséria é uma constante. Por isso, quando as armas se encontram disponíveis, há a tentação das pessoas de procurarem sustento através do crime e do banditismo. Também a abundância de armas com civis facilita as vinganças políticas, familiares e pessoais. Para além de representar uma ameaça à segurança das pessoas, este tipo de violência prejudica o processo de reconstrução e reconciliação nacional. Por outro lado ainda temos a considerar a existência de minas e bombas, granadas por explodir que, a qualquer momento podem provocar vítimas em tempo de paz. Esta instabilidade impede as populações deslocadas de se reinstalarem e reiniciarem uma vida produtiva.

A desmobilização e o desarmamento têm demonstrado ser dois dos aspectos mais problemáticos das operações de paz das Nações Unidas. Em Angola, a impossibilidade de desarmar as forças da UNITA e criar um exército unificado antes das eleições de Setembro de 1992, estabeleceu o enquadramento para o ressurgimento da guerra civil. Um grande número de refugiados foi apanhado pelos combates, o que deu origem a uma nova onda de deslocações da população.

Actualmente, tem-se feito um esforço para desarmar a população e os desmobilizados, mas só quando se conseguir recolher todas as armas se pode pensar numa paz real. Mas o desarmamento não é só a recuperação das armas espalhadas por Angola. É preciso uma preparação psicológica para isso também. Militares que durante dezenas de anos transportaram a sua arma e não fizeram outra coisa senão a guerra, sentem-se de repente completamente desamparados quando lhe é retirada a forma de vida a que estavam habituados e o símbolo dela, a sua arma. Por isso deve haver também uma preparação para esse facto. Lembro Dalai Lama que afirmou que primeiro deve ser feito o desarmamento interior e só depois a desmilitarização. De outra forma não se consegue a paz. Na mesma linha de pensamento, João Rocha afirmou, no Encontro Internacional sobre Comércio Ilícito de armas (Nova York, Julho de 2003) que é preciso haver uma mudança de mentalidade – uma desmilitarização mental – para que as pessoas estejam disponíveis a entregarem essas armas. Ele chamou a atenção que é preciso prestar a máxima atenção às necessidades sociais e económicas das populações. Cita como exemplo que, no decorrer dos trabalhos de desarmamento da população que tem sido levado a cabo em Angola,

muitas vezes muitas vezes as pessoas perguntam “se entrego a arma o que recebo em troca?”

Segundo o Instituto Internacional de Estudos Estratégicos, sediado em Londres, a desmobilização e o desarmamento não são apenas tarefas técnicas. Têm que ser baseadas numa compreensão das condições locais e da dinâmica do conflito, em cada país onde tenha sido estabelecido um plano de paz. Esta não se constroi de um momento para o outro. As guerras geram ódios e desconfianças mútuas. Segundo o Instituto Internacional de Estudos Estratégicos a promoção da confiança recíproca, requisito essencial para o sucesso da desmobilização é um processo de longo prazo.

Angola atravessou um período longo de guerra. Como consequência estabeleceu-se o caos e a miséria. Ambos os factores são geradores de violência. A violência muitas vezes é controlada com a repressão, mas esta não é a melhor via. A repressão resolve o problema a curto prazo mas a longo prazo gera mais violência. Além disso é incompatível com a Democracia.

A violência é um distúrbio de ansiedade e esta em si não é negativa nem anormal. É uma função estruturante da vida, da maior importância. Para Carlos Byington, ela é activada pela frustração. Enquanto a afectividade diz sim a agressividade diz não e sem a capacidade de dizer não é impossível sobreviver. A afectividade e a agressividade regulam o nosso posicionamento ético diante do bem e do mal. Ambos fazem parte do relacionamento humano e são indispensáveis para viver. A afectividade acolhe o que nos faz bem e a agressividade repudia o que nos faz mal.

Ainda Carlos Byington afirma que, como qualquer outra função na vida, a agressividade pode ser expressa de maneira criativa ou destrutiva. A frustração gera irritabilidade e agressividade e a agressividade vai ser expressa de forma criativa ou destrutiva, dependendo de cada pessoa e da situação em que ela se encontra. Fontes de frustração podem ser a privação de alimento, a diminuição do tempo de sono, ruídos excessivos ou até a diminuição do espaço onde vivem, entre outros.

Byington apresenta como exemplo a conhecida experiência dos ratos numa caixa onde há comida. Para chegar a essa comida os ratos têm de carregar numa alavanca. Se quando tiverem fome conseguirem descobrir que carregando na alavanca têm acesso à comida, a frustração deles é canalizada criativamente e eles aprenderão a alimentar-se. Se, por outro lado, a privação de alimento não puder ser satisfeita pela criatividade, eles canalizarão a sua agressividade contra si próprios ou uns contra os outros. Se a agressividade não puder ser canalizada criativamente, ela terá sempre o mesmo resultado destrutivo. Voltada contra o sujeito ela gera depressão. Voltada contra os outros ela ataca-os. Em qualquer dos casos, a frustração gera agressividade, a qual se não encontrar uma saída criativa desembocará na violência , na destrutividade.

O nosso cérebro tem cem bilhões de neurónios e por isso nós somos a espécie mais criativa do planeta. Foi este facto que nos permitiu dominar as outras espécies e desenvolver a cultura e a tecnologia de que hoje dispomos. E por tudo isto somos a espécie mais criativa , mas também a mais destrutiva. Nenhuma espécie causou tantos danos ao planeta como a nossa.

Angola está a tentar construir uma democracia. Mas é preciso ter em conta que, a descoberta da representatividade popular torna-se uma grande frustração quando o povo não tem como reclamar ou, quando o faz, as suas reclamações não podem ser atendidas de forma eficiente. Surge então a justiça com as próprias mãos, que é uma das grandes fontes da criminalidade. Se a frustração gera agressividade e esta, sem ter uma saída construtiva, tende a gerar destrutividade e violência, compreendemos o aumento da violência entre nós. O aumento da violência em Angola deve ser estudado no contexto das consequências da guerra e na construção da paz. Temos milhares de deslocados, sem moradias ou com instalações precárias, em musseques, com segurança limitada, sem lugares nas escolas, condições hospitalares precárias, e juventude próxima da criminalidade, da droga e da prostituição.

Por outro lado, Angola saiu duma economia planificada para uma economia de mercado selvagem, subordinada exclusivamente ao facturamento e ao lucro. O resultado é a falta de engajamento social com agressividade criativa para atender às frustrações oriundas dos grandes problemas sociais que nos afligem.

Resta-nos arranjar formas de reintegração social adequadas à nossa realidade, e programas de apoio social, bem como formação profissional aos jovens não enquadrados no sistema educativo ou no trabalho, de forma a evitar o aumento da violência e da criminalidade no nosso país.

Finalmente queria chamar a atenção que, quando dois exércitos se guerreiam durante tanto tempo como foi o caso de Angola, depois de cessar a guerra ficam as mágoas, as feridas, os ódios, os quais devem ser tratados com tolerância, mas com regras e limites, num exercício contínuo de respeito pelos outros e pela natureza, sem

os quais, todos os outros aspectos seriam irrelevantes. Só desta forma se constroem personalidades equilibradas e cidadãos responsáveis para a convivência na Angola de hoje.